

# “PARA USO DOS MENINOS, OU DOS QUE PRINCIPIÃO O A B C”: ORIENTAÇÕES E ADVERTÊNCIAS DE UM PAI PARA O ENSINO DAS LETRAS EM UM DICIONÁRIO PEDAGÓGICO QUE CIRCULOU NO ESPAÇO LUSO-BRASILEIRO NO SÉCULO XVIII\*

GIANA LANGE DO AMARAL\*\*  
FERNANDO RIPE\*\*\*

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar os discursos que orientaram certas prescrições para o ensino das letras presentes na obra *Diccionario Pueril para o uso dos meninos, ou dos que principião o A B C, e a soletrar dicções* (1784), cuja autoria foi registrada ao pernambucano Luiz Alvares [Alves] Pinto. Publicado em Portugal no século XVIII, estas instruções orientavam práticas educativas para aprender o alfabeto da Língua Latina. A publicação de dicionários, manuais e tratados de cariz pedagógico e de bons costumes teve relativo sucesso editorial no setecentos lusitano. Neste estudo enquadramo-lo na categoria de *Literatura de Comportamento Social*, pois se constitui como um importante instrumento capaz de promover máximas morais, geralmente católicas, e de guiar condutas sociais que contribuíam eficientemente na manutenção e bom funcionamento da corte portuguesa e da sua principal colônia.

**Palavras-chave:** Literatura de Comportamento Social; Condutas morais; Manual Pedagógico; Século XVIII.

---

\* Uma versão anterior deste artigo foi apresentada no 21º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, realizado na Universidade de Caxias do Sul (UCS), entre os dias 31 de agosto e 2 de setembro de 2015.

\*\* Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Coordenadora do grupo de Pesquisa CEIHE/UFPel (Centro de Pesquisas e Investigações em História da Educação). Bolsista Produtividade CNPQ/ PQ2. Email: gianalangedoamaral@gmail.com.br

\*\*\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Membro do Centro de Estudo e Investigação em História da Educação (CEIHE/UFPel). E-mail: fernandoripe@yahoo.com.br

**ABSTRACT**  
**"FOR BOYS, OR THAT ARE BEGINNING THE A B C":**  
**GUIDELINES AND WARNINGS OF A FATHER TO THE TEACHING**  
**OF LETTERS IN A DICTIONARY PEDAGOGY THAT CIRCULATED**  
**IN LUSO-BRAZILIAN SPACE IN THE 18<sup>th</sup> CENTURY**

This article aims analyze the discourses that have guided certain requirements for the teaching of the letters present in work *Diccionario Pueril para o uso dos meninos, ou dos que principiãõ o A B C, e a soletrar dicções* (1784), whose authorship was registered to Luiz Alvarez [Alves] Pinto from the state Pernambuco. Published in Portugal in the 18<sup>th</sup> century, these instructions guided educational practices to learn the alphabet of the Latin language. The publication of dictionaries, manuals and treaties of pedagogical nature and morality had relative success editorial in seven hundred lusitano. In this study we locate in the category of Literature of Social Behavior, as it constitutes an important instrument to promote moral maxims, usually Catholic, and guide social behaviors that contribute effectively to the maintenance and functioning of the Portuguese reign and its main colony.

**Keywords:** Literature of Social Behavior; moral Conduct; Pedagogical Manual; 18<sup>th</sup> Century.

## **Introdução**

O objetivo geral deste texto é analisar as orientações e advertências, configuradas como discursos normatizadores morais relativos à educação, presentes no *Diccionario Pueril para o uso dos meninos, ou dos que principiãõ o A B C, e a soletrar dicções* (1784), cuja autoria, como veremos mais adiante, é discutivelmente atribuída ao poeta, músico e compositor pernambucano Luiz Alvares [Alves] Pinto<sup>1</sup>. A publicação da obra emerge em um período de ampla proliferação das práticas de leitura e escrita, tanto em Portugal como no seu principal domínio ultramarino. Considerando que a população lusitana, e, sobretudo a sua colônia brasileira, eram limitadamente letradas, então publicações como o *Diccionario Pueril* eram bem recebidas pelo público consumidor interessado em aprender a ler e escrever, mas sobretudo ter domínio da língua portuguesa que se adaptava constantemente. Partindo desta ideia de consumo e apropriação dos discursos presentes na obra, nos interessamos, nesta investigação, em identificar quais enunciados divulgavam a

---

<sup>1</sup> Embora o dicionário analisado registre como autor Luiz Alvares Pinto, diversas outras fontes, principalmente publicadas em Pernambuco na centúria oitocentista, descrevem o nome do autor investigado como sendo Luiz Alves Pinto. Ver: Oliveira (2011).

premissa de uma educação moral para meninos em meio ao processo de alfabetização proposto pelo autor aos seus leitores.

Em Portugal, desde o início do século XVIII, houve grande difusão da escrita e da imprensa, especialmente no segundo quartel com a divulgação das ideias iluministas.<sup>2</sup> Textos escritos por religiosos, filósofos, médicos e mestres foram amplamente divulgados e circulavam tanto pelas principais cidades de Portugal, como pelas capitânias da principal colônia portuguesa. Obras, marcadamente caracterizadas como pedagógicas que, além de privilegiar o ensino de diferentes áreas do saber (latim, grego, retórica, aritmética, entre outras), também recomendavam e prescreviam normas de comportamentos e condutas morais, inscrevendo-se no gênero denominado *Literatura de Comportamento Social*.<sup>3</sup> Nesse sentido, ainda que limitada, a leitura passa a ser vista como fonte de lazer e prazer, enriquecimento cultural, expansão da doutrina católica, veículo de informação das novidades científicas da época, meio de organização do convívio e da interação social.

Ainda no século XVIII europeu, certas *condições de possibilidades*<sup>4</sup> permitiram a proliferação de publicações de características moduladoras dos comportamentos sociais. Em sua maioria, dedicavam-se a aspectos valorativos e morais, a acepções reguladoras das relações sociais, no âmbito público e privado, sobre o cuidado com o corpo, regulações aos modos de vestir, de se

---

<sup>2</sup> O século XVIII foi o século da expansão dos escritos de religião, filosofia, teatro, romances, política, ciências naturais, história, medicina, contos, cartas e relatos que ganhavam crescente espaço nas livrarias e bibliotecas europeias (CHARTIER, 2002, p. 98).

<sup>3</sup> Conforme conceituou a portuguesa Zulmira Santos, a Literatura de Comportamento Social abriga uma "vastíssima tratadística" [tratados] e pode ser entendida como: "um filão textual compósito, onde cabem escritos de vária natureza que podem estender-se das obras mais amplas sobre padrões de conduta mais exclusivos da corte, propondo modelos de príncipe, de validos ou de cortesãos, a escritos de cariz mais didático-moral, e até tratadinhos que privilegiam as artes da conversação, as formas de vestir ou as boas maneiras à mesa" (SANTOS, 2004, p. 307).

<sup>4</sup> Nossas ações, condutas e escolhas são modeladas pelas condições que vivemos (CHAUI, 2000). Assim, as práticas sociais e culturais são historicamente determinadas pelos hábitos, costumes, valores considerados como bons e obrigatórios em um tempo e espaço específico. São condições que determinam a proliferação de um determinado discurso em detrimento de outros que não se encontram na ordem. Entre os séculos XVIII e XIX, determinadas condições – instauração da imprensa, taxa crescente de alfabetização, ampliação do mercado editorial, formação das grandes bibliotecas, circulação de livros, entre outros – possibilitaram, certa, "explosão" de um público capaz de consumir livros impressos (GOMBERG, 2006, p. 84).

portar à mesa, roteiros sobre cortesias e etiquetas em protocolos e cerimoniais característicos da nobreza.

A emergência da produção escrita de dicionários e abecedários (obras lexicográficas) se deram concomitantemente ao processo de escolarização da língua portuguesa, dando origem a um empreendimento de exercitação normativa sobre a língua portuguesa. Silvestre e Verdelho (2007) discorreram que publicações deste tipo de obra constituíram uma tentativa de compreensão do vocabulário característico da escrita e menos cotidiano do que o da linguagem oral. Ainda, segundo os autores:

O corpus lexicográfico é formado por textos que servira o público e que foram solicitados com insistente procura pelos utilizadores da língua, corresponderam às necessidades dos falantes, interagiram sobre eles, influenciaram o comportamento linguístico, e integraram na sua tradição as vicissitudes do seu próprio trânsito (SILVESTRE; VERDELHO, 2007, p. 6).

O *Diccionario Pueril* é exemplo de manual prático para professores e mestres, pois baseia-se em fundamentos pedagógicos difundidos na época, da mesma forma que apresentava recorrentemente preceitos morais, de características cristã-católicas, com sumo objetivo de conduzir a prática docente e a autoaprendizagem no ensino das primeiras letras. Nesse sentido, a obra parece “revela[r] uma vontade em reunir diversos saberes: deste modo, ela parece dar resposta às expectativas da sua época”, ao mesmo tempo que se insere em um “contexto literário e ideológico da segunda metade do século XVIII, à semelhança dos gabinetes de curiosidades, das bibliotecas e das enciclopédias, que respondem a uma necessidade de compilar e ordenar os saberes” (MENDES, 2011, p. 89).

No campo da *História da Educação* verificamos a ocorrência de estudos que abordaram, sob diferentes perspectivas e enfoques, a análise da obra *Diccionario Pueril*. Cabe destacar a publicação do artigo “*Música e primeiras letras no Recife Colonial: Luís Álvares Pinto, mulato, músico e professor régio*” da historiadora Carla Mary S. Oliveira (2011), que apresentou a peculiar trajetória de Luís Álvares (ou Alves) Pinto, como sendo o primeiro brasileiro a receber uma formação musical na Europa seguindo os cânones eruditos, demonstrando que estratégias de inserção e afirmação social foram possíveis na segunda metade do XVIII.

De acordo com o estudo realizado por Oliveira, a inserção de Luiz Alvares Pinto no meio educacional se deu como forma de subsistência à sua família. Tendo em vista que o compositor pernambucano dedicou-se “ao ensino de música e primeiras letras, como ‘*professor régio de instrução primária*’ em sua própria casa” tendo como “ajuda de suas duas filhas: no segundo andar elas ministravam aulas às meninas enquanto o pai atendia aos meninos no primeiro” (2011, p.31).

Essa modalidade de educação, ainda não institucionalizada (pois, não apresentava um espaço oficial), funcionava, tanto pela iniciativa do Mestre que recebia alunos em sua residência, caracterizando-a como um ambiente escolar, como por pais que recorriam ao agenciamento particular das visitas dos educadores em seu próprio lar, dando continuidade a uma educação doméstica muito comum à época. Tanto é sabido que, desde os finais do século XVIII, em Portugal, eram amplamente publicados pela *Gazeta de Lisboa* anúncios solicitando ou oferecendo o trabalho de educadores para ambos os sexos (Mestres, preceptores, aias).<sup>5</sup>

Conforme análise da socióloga Gilda Maria W. Verri (2006, p. 270) foi no ano de 1781 que “o poeta, músico e compositor major Luís Alves [Álvares] Pinto [...] foi nomeado regente interino da cadeira de primeiras letras no bairro do Recife”. Segundo a autora, teria sido essa experiência didática que teria proporcionado ao professor a redação e a publicação de *Diccionario Pueril*.

Nesse sentido, a análise de manuais categorizados como de *Literatura de Comportamento Social* que foram proficuamente impressos no século XVIII<sup>6</sup> e, que circularam nos diferentes ambientes educativos, deste período, podem revelar como

---

<sup>5</sup> Ver: FERNANDES, Rogério. Da palmatória à internet uma revisitação da profissão docente. In: Revista Brasileira de História da Educação. v. 6 - n.1 - jan./abr. 2006. Sobre a prática da educação doméstica sugiro a análise da tese de doutoramento de Vasconcelos (2004).

<sup>6</sup> De acordo com Fiadeiro (2007, p. 50), o primeiro arrolamento de manuais de comportamento social publicados em Portugal foi levado a cabo por LEAL, Ivone (1995) — *Bibliographie des Traités de Savoir-Vivre Portugais*. In *Bibliographie des Traités de Savoir-Vivre en Europe du Moyen Âge à nos jours*. Vol. II: *Italie-Espagne-Portugal-Roumanie-Norvège-Pays Tchèque et Slovaque-Pologne* (sous la direction d'Alain MONTANDON). Clermont-Ferrand: Université Blaise-Pascal /Association des publications de la Faculte des Lettres et Sciences Humanines, p. 195-232. Neste arrolamento, Leal entende esses manuais como livros de *savoir-vivre*, das boas maneiras, como sendo livros didáticos para adultos ou crianças que visavam a transmitir conceitos, valores, normas e padrões de comportamento considerados essenciais para a perfeita sociabilidade (Tradução nossa).

determinados grupos sociais percebiam a importância da educação. Seja esta educação de mote pedagógico – no caso o estudo da língua portuguesa –, ou comportamental – no que se refere aos ensinamentos das condutas e modos de viver em sociedade.

A partir destas contextualizações a acerca da publicação do dicionário no período setecentista europeu, bem como da identificação de outras investigações no campo da História da Educação que tiveram como fonte o *Diccionario Pueril*, o presente texto tem por objetivo analisar as estratégias discursivas que orientavam o processo de aprendizagem da Língua Portuguesa. Tendo como problemática principal a analítica das prescrições que um pai de família, ávido pela “boa educação de seus filhinhos”, recomendava aos seus pares, este texto foi organizado da seguinte maneira: primeiro realiza-se uma discussão sobre os processos de constituição do sujeito infantil, apresentando uma contextualização histórica sobre a publicação de dicionários, bem como o enquadramento desta obra léxica enquanto *Literatura de Comportamento Social*; segundo, descrevemos os principais percursos de Luiz Alvares Pinto e sua discutível autoria do *Diccionario Pueril* e, terceiro, nos propomos a realizar um empreendimento metodológico de análise e descrição da obra citada, ao indicar como funcionaram determinados enunciados na promoção de determinados *modos de ver e dizer*<sup>7</sup> a infância em um contexto de produção de máximas morais e comportamentos sociais desejáveis.

## **O processo de constituição do sujeito na Literatura de Comportamento Social**

Neste estudo entendemos por processo de moralização o conjunto de práticas prescritas e recomendadas, em obras enquadradas na categoria *Literatura de Comportamento Social*, que impõem aos sujeitos infantis certo condicionamento a um determinado tipo de controle do próprio comportamento. Nesse

---

<sup>7</sup> Podemos compreender, a partir de uma analítica foucaultiana, que a subjetividade do sujeito está nele mesmo, formada através de modos de subjetivações. Aspectos da subjetividade do sujeito podem ser exteriorizados através dos seus modos de ver e dizer, percebendo-se a maneira como este agencia enunciados para colocar em prática através de gestos, palavras, sentimentos, atitudes – sempre produzidas e manifestadas através do/pelo corpo. Contudo, tal subjetividade, tal modo de pensar, não é capaz de ser capturada em sua plenitude ou mesmo de ser totalmente revelada, pois ela se relaciona apenas consigo mesmo (RIPE, 2015, p. 58).

sentido e a partir da teorização foucaultiana, o sujeito é constituído discursivamente ao inculcar certas regras (instruções de boas maneiras, condutas ideais, virtudes e posturas sociais direcionados à formação de crianças – geralmente nobres<sup>8</sup> – destinando aos leitores o cumprimento de determinadas regras a fim de conduzi-los à *arte de bem viver*<sup>9</sup>) para conduzir-se a si próprio.

Se ela [a regra] moldava a conduta, previa o comportamento e as reações das pessoas, ela fazia mediante a conformação moral: o indivíduo somente participava deste processo a partir do momento em que era levado a agir, a pensar e a sentir segundo as regras impostas. Aqueles que não fossem adequadamente moralizados [desajustados, rebeldes, delinquentes] consistiriam em desvios do padrão estabelecido e poderiam tornar aquela previsão não mais possível (SILVA, 2011, p. 185).

Poder-se-ia pensar que a subjetividade se dá através de uma postura de perceber a vida, diante de um modo de viver, nos quais estes modos sempre estão imersos em jogos com determinadas regras. Em distintos tempos históricos encontramos diferentes práticas sociais que buscam subjetivar os sujeitos, pois todo “processo de sujeição relaciona-se com experiências humanas e históricas circunscritas a determinados campos de possibilidades de se pensar, fazer e ser” (CARVALHO, 2010, p. 37). Com efeito, os modos de subjetivação são como aspectos da constituição do “indivíduo moderno como sujeito, ou seja, indivíduo preso à sua própria identidade pela consciência de si” (FONSECA, 2003, p. 25). Nessa perspectiva, Stephanou (2006, p. 36) descreveu que o “[...] sujeito se constitui na articulação complexa de discursos e práticas, que podem ser pedagógicos, médicos, terapêuticos, entre outros, historicamente engendrados, que instauram modos de conhecimento sobre si”.

Na obra *Diccionario Pueril* podemos constatar que esta forma de condução do sujeito, promovida pelos discursos circulantes, instituem a moralização através da recorrência discursiva de três

---

<sup>8</sup> A ideia de *formação* e *educação*, na segunda metade do século XVIII, estava associada ao ideal de uma sociedade afortunada, ou seja, a noção de que o bem-estar da sociedade dependeria da formação e da educação dos indivíduos. Ver: Fonseca, 2009, p. 16.

<sup>9</sup> No século XVIII discursos de “bem viver” eram bastante comuns e previam estabelecer normativas para o comportamento humano em diferentes esferas da vida cotidiana (CHESTERFIELD, 2012).

imperativos (como veremos mais adiante na análise descritiva da obra), sejam eles dedicados ao catolicismo (cristão), aos aspectos políticos (amor à nação portuguesa) e a valoração moral (relevância ao núcleo familiar).

Enquanto *dispositivo*<sup>10</sup> a publicação de Luiz Alvares, ao distribuir e organizar saberes, posicionava sujeitos, de modo que demarcava o lugar dos meninos, dos pais e dos mestres. Este posicionamento dos sujeitos está em grande parte associado aos processos de democratização e escolarização que culminaria em Portugal no início do século XIX. Segundo Silvestre e Verdelho (2007, p. 33), o uso de dicionários e abecedários “passaram a ser[em] práticos, funcionais e de fácil utilização de modo que instituíram-se como livros escolares e manuais auxiliares do uso cotidiano da língua”.

De acordo com Stephanou e Souza (2013, p. 330) os “[...] abecedários tem uma longa história, remontam mesmo à invenção dos sistemas de escrita e das convenções elaboradas para sustentá-las”, mas que, na sociedade portuguesa, tiveram realçada produção a partir do relativo enriquecimento do idioma pátrio, nos meados do século XVIII. Nesse sentido o pensamento linguístico da época colaborou para que se firmasse “[...] um conjunto de dicionários [...] que acumulam a mais quantiosa e sistemática recolha do léxico da língua portuguesa” (SILVESTRE; VERDELHO, 2007, p. 5). Para Silvestre e Verdelho (2007) esta sistematização do conhecimento léxico já estava acompanhada de um processo de difusão da educação, pois

Entre as origens da dicionarística portuguesa é devida especial referência à produção lexicográfica dos Jesuítas. Desde a sua instalação em Portugal, nos meados do séc. XVI, empenharam-se na produção de manuais escolares, especialmente voltados para a formação linguística, e criaram-se assim uma estudiosa escola de gramáticos e dicionaristas (p. 18).

---

<sup>10</sup> A noção de *dispositivo*, também proposição do pensador francês Michel Foucault, possibilita a compreensão dos processos de normatização postos pelo discurso da modernidade. Na análise foucaultiana o *dispositivo* atua como estratégia – pelo dito e pelo não dito – para se criar corpos infantis educados e obedientes. Em *História da Sexualidade – A vontade de saber* – Foucault utiliza como ferramenta analítica a noção de dispositivo como um determinado agrupamento de práticas, que constituem o sujeito em meio a uma trama de saberes e em um feixe de forças que lhes são indissociáveis.



O bom uso das palavras e a habilidade com a escrita configuravam, no século XVIII, certa distinção social. Nesse ambiente de efervescência lexicográfica e distinção social, máximas morais e enunciados sentenciosos foram amplamente difundidos e propagados, inicialmente entre os segmentos letrados da sociedade e posteriormente entre aqueles que desejam ascender ao modelo burguês que se instaurava no período.

Na *Literatura de Comportamento Social* é recorrente a presença de prescrições que exaltam valores de lealdade, isenção e altruísmo que produziriam efeitos de minucioso controle sobre os sujeitos. Esse processo de controle tinha por objetivo promover uma sociedade com regras e proibições, de comportamentos definidos e legitimados. Assim, a sociedade moderna passa a ser cada vez mais normatizada, regulada por códigos (gestos, linguagens e práticas sociais de reconhecimento como saudações e utilização de utensílios no uso cotidiano) e limitada por interdições (negação de odores, ocultamento de partes do corpo, criação de tabus, invenções de atitudes consideradas incorretas, promoção de determinadas vergonhas).

Considerando, assim, que o sujeito é moldado/conformado historicamente por um processo discursivo, o presente texto se vale dos enunciados explícitos na obra *Diccionario Pueril*, uma vez que esta fonte permite interpretações sobre como determinados enunciados funcionaram na produção de máximas morais e comportamentos desejáveis para meninos no século XVIII.

### **Orientando o Bê-a-Ba através das virtudes políticas, morais e cristãs**

Tendo em vista que o século XVIII europeu constituiu a infância como uma problemática para a sociedade, cujos domínios deveriam ser conhecidos, obras enquadradas na *Literatura de Comportamento Social* ganharam relevância nas práticas de leitura e escrita. Nesse sentido, tomamos o *Diccionario Pueril para uso dos meninos, ou dos que principiam o A B C, e a soletrar*, de autoria de Luiz Alvares Pinto, publicado no ano de 1784 na cidade de Lisboa, como um conjunto de saberes organizado, e que fora tomado historicamente no interior da modernidade em termos de verdade, que operou modos escolares e não-escolares para educar crianças e possibilitar formas de subjetivação do modo moderno de ser infantil.

Em formato de pequeno livro de bolso, o *Diccionario Pueril* contém 74 páginas e foi elaborado com simples vocabulário para a

época, o que facilitava a leitura e a memorização. De acordo com os estudos de Gilda Maria W. Verri (2006) é possível inferir que a obra analisada circulou, no mesmo período, na América lusa.

Luiz Alvares Pinto era poeta, compositor e prestigiado músico tanto em Portugal como no principal Império ultramarino, além do *Diccionario Pueril* escreveu outras duas obras de características didáticas: *Arte pequena para se aprender música* (s.d.) e *Arte grande de solfejar* (1761). Residiu em Portugal por cerca de 20 anos, onde foi aluno do contrapontista Henrique da Silva Esteves Negrão, organista da catedral de Lisboa. Para manter-se, compunha, tocava violoncelo na capela real, fazia cópias de músicas e dava aulas em casas nobres.<sup>11</sup>

Todavia, relatos no *Diccionario Bibliographico Portuguez* publicado em 1860 dão conta de que a real autoria do *Diccionario Pueril* é obra de D. Joaquim de Azevedo<sup>12</sup>, que foi abade de Sedavim (antiga cidade ao norte de Portugal).<sup>13</sup> De acordo com Oliveira (2011, 37), ao traçar um estudo sobre a biografia de Luiz Alvares, é verdadeira a hipótese de Luiz Alvares ter feito uma compilação de outras obras para produzir o *Diccionario*. A autora ainda destaca que era comum à época realizar cópias de outras obras, ou mesmo publicar extensas argumentações de outros autores. De fato, durante sua longa estada no Reino Português, Luiz Alvares teve acesso a inúmeras obras de características léxicas, que circulavam com maior facilidade no centro lusitano.

A obra apresentava em seu frontispício a devida licença da “Real Meza Censoria”. Característicos da imprensa escrita setecentista, ainda era comum nas capas e dedicatórias a exaltação da pátria, o chancelamento e dedicação da obra à sua majestade, ou a outras autoridades científicas-políticas influentes na alta nobreza. Também eram expressos aspectos valorativos relativos ao aprimoramento da nação, contribuições que a obra poderia dar para a sociedade, sua ampla utilidade para o Estado, entre outras justificativas, em consonância com as ideias iluministas, que realçavam o valor moral e cívico da publicação. Nesse sentido, Luiz Alvares exaltando a forte influência política exercida pelo *Senhor*

---

<sup>11</sup> Informações disponíveis em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/LuizAPin.htm>  
Acessado: 01 de março de 2015.

<sup>12</sup> D. Joaquim de Azevedo, cônego regular, abade reservatório de Sedavim. Autor de *Epitome da Historia Portugueza*. Impresso na Officina de Simão Thaddeu Ferreira, 1789. Sem nota do anno da impressão. Ver: Figaniere, 1850, p. 11.

<sup>13</sup> Conforme: Silva, 1860, p. 209.

*Doutor Domingos da Costa Monteiro*,<sup>14</sup> *Cavalleiro professo na Ordem de Christo*, dedicou a ele sua obra *Diccionario Pueril*.

Direcionada à aprendizagem dos meninos, Luiz Alves constituiu seu *Diccionario* com evidentes feições pedagógicas. Todavia, verificaremos a existência de certos enunciados capazes de “regular comportamentos e moldar mentes” através da proposição de práticas “pedagógico[as], aculturador[as] e disciplinar[doras] atribuído aos textos em circulação para um corpo mais amplo de leitores” (CHARTIER *apud* DENIPOTI; PEREIRA, 2013, p. 260). Nas palavras de Luiz Alves:

[...] porque eu só pertendo estimular aos doutos Professores, a quem com seus doutos escriptos fação gemer as impensas, e trabalhar sem mortificação notavel as memorias dos tenros meninos, para cujo bem, e proveito devem concorrer os bons Cidadãos os bons patricios, e os bons vassallos (Advertências).

Cabe destacar que aos “bons cidadãos os bons patricios”, tal como foi referido, deve ser percebido em seu contexto e dimensão imperial – metrópole e colônia – pois, devemos considerar que o autor era *Natural da Villa de S. Antonio do Recife de Pernambuco* como foi registrado na capa da obra. Ainda sobre a importância da pátria, verificamos ao longo da obra diferentes situações históricas que envolvem a máxima do patriotismo e a luta pela nação. Por exemplo, algumas dicções são influências de “irrupções dos Bárbaros” ou, mesmo do “tempo de D. Rodrigo se deteriorou pela sua perda, e conquista, ou entrada de Almançor em Hespanha” (p. 13).

O século XVIII europeu também foi cenário para a emergência de um novo “sentimento de infância”, que, como bem notou Philippe Ariès (1981) era ausente no período medieval. A noção de cuidado com a infância – com a intenção de produzir uma sociedade industrializada, com adultos sadios e produtivos –, através de uma perspectiva, basicamente, moralizadora e médica, é ampliada. Seria ressignificado, então, o papel da família, da mesma forma que as escolas, enquanto instituições fundamentais no processo de educação das crianças. Nessas condições,

---

<sup>14</sup> Poucos são os indícios de Domingos da Costa Monteiro. Os *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro* (1935) no volume de *Nobiliarchia Pernambucana* o descreve como irmão da Misericórdia de Olinda. Natural de Ancedo, bispado do Porto.

[...] segundo novas regras – e bem precisas – as relações entre pais e filhos. São certamente mantidas, e com poucas alterações, as relações de submissão e o sistema de signos que elas exigem, mas elas devem estar regidas, doravante, por todo um conjunto de obrigações de ordem física (cuidados, contatos, higiene, limpeza, proximidade atenta); amamentação das crianças pelas mães; preocupação com um vestuário sadio; exercícios físicos para assegurar o bom desenvolvimento do organismo: corpo a corpo permanente e coercitivo entre os adultos e as crianças. A família não deve ser mais apenas uma teia de relações que se inscreve em um estatuto social, em um sistema de parentesco, em um mecanismo de transmissão de bens. Deve-se tornar um meio físico denso, saturado, permanente, contínuo que envolva, mantenha e favoreça o corpo da criança (FOUCAULT, 1997, p. 199).

Essas novas regras na relação pais-filhos podem ser percebidas já no prólogo, quando o autor atribuiu a escrita do dicionário para atender a necessidade de ensinar a língua portuguesa para seus próprios filhos.

Leitor, (se es amigo, aliás pouco importa para o que vou a dizer) estas lições forão feitas para instrucção de meus tenros Filhinhos, a quem falo na frase mais vulgar, para que me entendão e se aproveitem” (Ao Leitor).

Nesse sentido, Luiz Alvares Pinto incentiva o uso do Dicionário para outros pais:

Se servirem aos teus, alegrarme-hei de ter sido (posto que tarde) ainda útil á Patria, e ao Mestre de teus filhos, poupando-lhe o trabalho de fazer quasi continuamente novas Cartas em lugar das que elles perdem, ou rompem, ainda não acabadas de ler: a teus filhos finalmente dou a utilidade de lhes ficar permanente hum Diccionario para elles, e seus filhos (Ao Leitor).

Luiz Alvares Pinto indica àqueles que adquirirem sua obra e, por ocasião, observarem a falta de utilidade do dicionário, um duplo prejuízo: “Se estas taes lições lhes não servirem, ficamos ambos enganados, tu em as ter comprado, e eu em me persuadir que tinha feito hum grande serviço á Puericia”. Nessa relação entre ganhos e perdas na aquisição do livro, o autor vai enunciar a grande utilidade que a obra tem servido para a educação de seus filhos.

Financeiramente mais econômica e pragmática, “eles se acomodarão com o meu desvêlo, e me dispensarão de pagar a Mestre, não tendo eu posses para o fazer” (Ao Leitor).

Ainda na introdução de sua obra, Luiz Alvares Pinto realiza um soneto de *Advertencia a seus “filhinhos”* indicando como o *Diccionario Pueril para o uso dos meninos, ou dos que principião o A B C, e a soletrar dicccções* deve ser utilizado para obter sucesso na habilidade do domínio da Língua Portuguesa:

Esta arte, meus Filhinhos, vos procura  
Com cuidados suaves: nella nada  
Há de lei nova: fórma sim mudada,  
Que a vossa applicação melhor segura.

Podeis, ainda brincando, com brandura  
Fazer vossa memoria cultivada,  
Repetindo as dicções, que em voz pausada  
Ouvís da vossa boca linda, e pura

Que falta mais? Nada a faltar-vos chega:  
Pois eia, frequentai vossos estudos,  
Já que a vossa memoria bem se emprega.

Vencerei as lições, eu vos ajudo:  
Se alcançais o que agora se vos nega,  
Tudo comprehendereis: he nada tudo.

O modo como o autor descreve seus filhos, e poder-se-ia pensar para todas as crianças, nos remete a um modelo *regressivo*, caracterizando-os a partir da sua pequenez moral, inocência, tenra idade e brandura, em suma ao infantilismo.<sup>15</sup>

Como vimos no soneto anteriormente citado, Luiz Alvares retoma a importância de brincar durante a infância. Nesse sentido escreve que os exercícios utilizados no seu método de ensino pode-se dar “sem impedimento dos vossos brincos pueris”, pois “entre esses mesmos brincos repetir cantando as vossas lições por este principio de estudo de letras Vogaes, e Consoantes” (p. 1-2).

O dicionário propõe que a aprendizagem se dê através da memória.

---

<sup>15</sup> Sobre as maneiras de se perceber a infância através do dispositivo *infantilismo* sugerimos a análise de Corazza (2004).

Amados Filhinhos, he mui necessario que tomeis bem, conhecimento das letras, que aqui vos escrevo feitas á mão, e não á imprensa; por que desta, conhecida huma, conhecereis todas as daquelle character: não assim as que nós escrevemos, como experimentareis algum dia, se á mão vos chegar huma sentença, ou razoado, &c.” (p. 1).

Meus mestres, ou pouco advertidos, ou menos escrupulosos, nos primeiros elementos, que me derão, nada contribuirão para o meu adiantamento, *sendo na idade tenra tão obediente a memória*, que tudo o que então se ouve, ou ensina (seja bom, ou máo) se aprende, e sempre existe (p. 2[Grifos nossos]).

Para o autor a infância é um período de “tão obediente a memoria, que tudo o que então se ouve, ou ensina [...] se aprende”. Ainda sobre este excerto podemos inferir o quanto a criança está suscetível aos perigos dos ensinamentos, sejam “bom[ns] ou máo[s]”.

Tomai pois, Filhos, bem na memoria, e não largueis das vossas mãos, nem aparteis dos vossos olhos este Pueril Diccionario, em quanto não estiverdes bem destros nas suas columnas (p. 69).

Algumas estratégias discursivas para o ensino das letras foram utilizadas. Primeiro fazia uma séria crítica aos Mestres que lhes ensinaram. Luiz Alvares argumentou que nos primeiros ensinamentos que lhes fora dado (método que o nomeia de “materialmente”), “[os mestres] misturavão essas letras; desta sorte confundidas, nunca eu soube, que cousa fossem em *Vogaes*, ou *Consoantes*”. Nesse sentido, a partir das suas próprias experiências para aprender a ler e escrever, das “trevas me tirou a continuação do tempo”, que o autor constituiu o dicionário para que “os Mestres a carga do trabalho” pudessem ensinar. Em segundo, de que bastavam-lhes o uso da memória, que “só ajudado da memoria podia comprehender”, para que o método fosse mais econômico: “deverão tomar, poupar desse tempo a metade” (p. 8). O método compreende o uso de cartas (tabelas com cinco colunas) que se realizam o “exercício das cousas, que se ensinão”, decorando as sílabas de qualquer dicção: *Bê-a-ba; Bê-é-bé; Bê-i-bi; Bê-o-bo; Bê-u-Bu*. Como sugere a seguinte imagem que ilustra uma das catorze cartas apresentadas pelo autor.

54 DICCIONARIO

1.	2.	3.	4.	5.
a	e	i	o	u
Ba	be	bi	bo	bu
Ca	ce	ci	co	cu
Ca	*	*	co	cu
Da	de	di	do	du
Fa	fe	fi	fo	fu
*	ge	gi	*	*
Ga	gue	gui	go	gu
Gua	*	*	guo	*
Ha	he	hi	ho	hu
Ja	je	ji	jo	ju
La	le	li	lo	lu
Ma	me	mi	mo	mu
Na	ne	ni	no	nu
Pa	pe	pi	po	pu
*	que	qui	*	*
Qua	*	*	quo	*
Ra	re	ri	ro	ru
Sa	se	si	so	su
Ta	te	ti	to	tu
Va	ve	vi	vo	vu
Xa	xe	xi	xo	xu
Za	ze	zi	zo	zu

\* N. 33.  
e seg.

*Carta.* A rola he ave rara na terra. Afaga, ama, e parece quasi que geme, se morre o marido ( que he sua guia ) e fica só.

FIGURA 1 – Modelo de carta para “ajuntar o Bê-a-bá”.

FONTE: PINTO, Luiz Alvarez. *Diccionario pueril para o uso dos meninos, ou dos que principião o A B C, e a soletrar dicções*, 1784, p. 54.

No rodapé de cada Carta,<sup>16</sup> o autor registra uma série de ditames comportamentais. Tais ditames, aqui são percebidos como enunciados discursivos que constituem modos de ser sujeito infantil.

A constituição de um *sujeito moral*, cuja religiosidade e a fé

<sup>16</sup> No início da obra Luiz Alvares destacou o fato de escrever suas opiniões em notas: “Filhos, ainda que em Notas, e Opiniões pareço fallar convosco, não o entendais assim; porque alli vou seguindo a ordem do que me propuz ao principio: mas o certo he que alli só fallo de mim; e só vou a mostrar que as razões que allego, são fundadas nas authoridades dos melhores AA. [autores], e nas authoridades, que sigo” (Advertencias necessarias).

cristã-católica eram aliadas eficazes no esforço de instituir comportamentos racionais – “não doidos”, que não sejam loucos ou anormais –, puros, sem pecados, dóceis – cuja “voracidade” pode queimar ou o “sangue quente” pode causar o mal –, úteis/produzidos – como “abelhas” para a sociedade e, que valoriza o núcleo familiar – “honra ao Pai, e Mãe”. Tais instruções podem ser conferidas em trechos que extraímos da obra e citamos abaixo:

“A lei que sigo, he muito pura, e de muito cuidado. Doido he o que foges á dita lei, cujo Pai foi, he, e será o summo, e Divino Rei de tudo, o que há vivo” (p. 56).

“Amigo, tenho achado, que terei segura a minha alma, se sujo o perigo, q lhe ameça o vicio: guiado do puro *Pequei*, e *Peza-me*, de me valho menos Filosofo, q Theólogo” (p. 57).

“He tal a chãma, qual he a sua voracidade, ora queima, ora arruína. Se falta o fogo, a agua gela, e o peixe morre; e tudo se aviva já pela chãma, já pelo Sol” (p. 58).

“A abélha dá mel, e cêra: o mel he claro, e doce: a cera he mole, e util. O mel se applica a olfato, e he calmoso: a cera se líquida, e acclara a casa, que se acha falta de lumme” (p. 59).

“Bem sei, e bem se vê que o q lé mal, mal chega ao fim da sabedoria, q deseja. Daqui vem q clamão, e chorão os vadios; e como o forão da puerícia, ficão de modo, que nem lém, nem sabem” (p. 60).

“Sente o homem ainda menino o que lhe fazem, seja bem, ou seja mal: e dera o sangue quente das veias, se com o manto do silencio evitasse o mal, que quem lho motiva, lhe deicha, sem q tenha cuidado da sua pena” (p. 61).

“Com o véo de santidade muita gente vive enganando o mundo; e a si enganão: só vai para o Ceo aquelle, que vendose limpo de culpa, fica sem que seja réo de malícia” (p. 62).

“Hum homem, que não honra ao Pai, e Mãe, se expõe a que o aborreção, a que lhe falte o Ceo pela falta daquella devida veneração a hum Pai, e a huma Mãe” (p. 63).

Como se pode perceber na citação acima, a criação de um modelo de *sujeito social*, capaz de ser objeto de solicitude caritativa, também era prescrição recomendada pelo autor na obra investigada. Neste caso, ser generoso e filantrópico era uma forma idealizada de ser humano e compadecido, bem como de agradar a Deus. A benevolência estava também nos costumes cristãos que viam na prática da caridade – dividir, repartir, doar, auxiliar, socorrer – uma maneira de ser humilde e educado, além é claro, da eminente possibilidade de garantir a salvação perante Deus, como podemos



verificar nos seguintes excertos.

“Dar quem tem para dar, não he valor, nem generosidade: porém saber dar, quem carece, que se lhe dé, não he valor de qualquer: mas de quem quer, e deseja dar” (p. 64).

“Já creio, que toda a Carta he de proveito para aquelle, sobre quem se trabalha, para que se aproveite. O homem vadio não se livra de ser ultrajado entre os sabios” (p. 65).

“Não he bastante aos meninos só a lição destas breves Cartas, se elles se não inclinão deveras a muitas mais, que o Mestre lhes expõe: vejão que estes se não doem de os castigar, se não dispõem para saber” (p. 66).

“Meu Deus, e Senhor, dou-vos infinitas graças: pois por Vós tão pouco me custou aprender estas Cartas, sendo para tantos cousa tão difficultosa. Graças vos sejam dadas para sempre. Amen” (p. 67).

A partir destes enunciados identificamos que Luiz Alvares Pinto confere uma particular dimensão católica ao seu dicionário, no sentido de que o ensino das dicções traz inúmeras passagens cristãs. Até mesmo na transmissão de conhecimento, como podemos perceber no seguinte excerto em que distingue o pronome *seu* do substantivo *céu*:

[...] porque *Seu* he cousa possuida de alguém: e *Ceo* he aquelle supremos assento, onde está *Deus*, cujo nome sacrosanto nunca escrevais com *o*. Deichai esse *Deos* para os Gentios; porque o nosso bom *Deus he grande sobre todos os Deuses* (p. 45, Grifos do autor).

A busca por elementos cristão-católico na obra em muito se deve ao fato de Luiz Alvares Pinto ter sido mestre capelão na Igreja de Nossa Senhora do Livramento e Concatedral de São Pedro dos Clérigos e, provável fundador da Irmandade de Santa Cecília dos Músicos, todas situadas em Recife.

Chegado o encerramento da obra identificamos indícios de uma previsível proximidade do autor com a morte.

O homem, cuja alma he huma admiravel porção de Deos, sub-mergido na culpa faz huma acção contra o mesmo Deos, para quem foi absolutamente nascido. Com tudo o admite Deos para sua gloria por qualquer arrependimento” (p. 69).

“Os meus dias (que pedião ser mais dilatados para tratar destas matérias) estão acabando o seu curso. Deos vos

socorrerá; porque eu não sou mais, que hum instrumento vil, que elle pôz neste mundo, para que como tal, vos utilizeis de mim, em quanto elle quer, e he servido; e eu não sei, quanto tempo durará este instrumento (p. 71).

Luiz Alvares Pinto veio a falecer, em Recife, no ano de 1789, cinco anos depois da sua publicação pedagógica de maior relevância e contribuição para o ensino da língua portuguesa. Foi um dos primeiros compositores nacionais a se aperfeiçoar na Europa e como forma de homenagem, é o patrono da cadeira número 2 da Academia Brasileira de Música.<sup>17</sup>

A partir da trajetória de Luiz Alvares e da análise das orientações e advertências, configuradas enquanto discursos normatizadores morais relativos ao processo de ensino das letras, do *Diccionario Pueril* verificamos que o modelo de publicação se enquadra na *Literatura de Comportamento Social*. Nesse filão literário, mesmo as obras que tinham por objetivo orientações pedagógicas para a aprendizagem da lexicografia portuguesa, também prescreviam instruções sobre as virtudes política, morais e cristãs, instituindo, assim, determinados modos de ser sujeito menino no século XVIII.

## Considerações Finais

No século XVIII, tanto em Portugal, como no seu principal domínio ultramarino, a prática de educar uma criança consistiu em uma série de compromissos e responsabilidades por parte daqueles responsáveis diretamente por esta educação. Não obstante a necessidade financeira para custear a educação dos seus “filhinhos”, bem como o cargo que ocupava de regente interino da cadeira de primeiras letras no bairro do Recife, possibilitaram que Luiz Alvares Pinto publicasse no ano de 1784 a obra *Diccionario Pueril para o uso dos meninos, ou dos que principião o A B C, e a soletrar dicções*.

Como vimos, para o período analisado, houve a reorganização da noção de infância e, conseqüentemente de modelo familiar na sociedade ocidental, de modo que pensava-se constantemente no futuro dos ‘*tenros meninos*’, ao papel esperado não apenas da criança, mas de um futuro homem fiel à Pátria, bom

---

<sup>17</sup> Informações disponíveis em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/LuizAPin.htm>  
Acessado: 1º de março de 2015.

cidadão e devoto à Cristo.

A obra analisada pode ser entendida como um manual que tanto ensinava a Língua Portuguesa, como preparava e moldava o sujeito para a vida, caracterizando-se, assim, como *Literatura de Comportamento Social*. Ao longo do texto, o autor dedicou-se a produção de diferentes excertos que reforçavam imperativamente aspectos católicos, políticos e morais.

Várias foram as orientações, que se constituíam como estratégias discursivas, para educar e ensinar o léxico da língua portuguesa para meninos, “*Huma instrucção para quem nem ainda sabe ajuntar o Bê-a-ba*”. O dicionário tinha essa característica de fazer com que pais e professores inculcassem nas crianças o gosto pela leitura. Mesmo em momentos de “brincos” as crianças deveriam retomar sua aprendizagem. Acentuando, assim, o caráter mnemônico do processo de aprendizagem.

A partir da análise apreendida sobre a fonte, extraindo alguns excertos da obra, portanto no sentido “descritivo”, foi possível demonstrar os discursos empregados por um pai de família, que tivera parte de sua formação ministrada em Portugal e que, por sua atividade de músico, frequentou os principais salões nobres lisboenses, constituem manifestações de um discurso a favor da “boa educação” direcionado ao ideário moral-religioso dominante na época.

## **FONTES**

ANNAES da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Volume XLVII. Nobiliarchia Pernambucana (1925). Bibliotheca Nacional, 1935.

FIGANIERE, Jorge Cesar. *Bibliographia Historica Portugueza, ou catalogo methodico dos auctores portuguezes e de alguns estrangeiros domiciliários em Portugal, que tractaram da historia civil, política e esccllesistica d'estes reinos e seus domínios, e das nações ultramarinas, e cujas obras correm impressas em vulgar; onde tambem se apontam muitos documentos escriptos anonymos que lhe dizem respeito*. Lisboa. Na Typographia do Panorama, 1850.

PINTO, Luiz Alvares. *Diccionario pueril para o uso dos meninos, ou dos que principião o A B C, e a soletrar dicções*. Lisboa: na Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1784.

SILVA, Innocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez de Estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Tomo Quinto. Lisboa: Na Imprensa Nacional, 1860.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Uma biblioteca pedagógica francesa para a Escola Normal de São Paulo (1882): Livros de formação profissional e circulação de modelos culturais. In: BENCOSTTA, Marcus L. A. (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas*. São Paulo: Cortez, 2007.

CARVALHO, A. F. *Foucault e a Função-Educador*. Sujeição e Experiências de Subjetividades Ativas na Formação Humana. UNIJUÍ, Ijuí, Rio Grande do Sul, 2010.

CHARTIER, Roger. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CHESTERFIELD, Conde de (Philip Dormer Stanhope) e outros. *Regras para bem viver*. Trad. Marilise Rezende Bertin. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. *História da infância sem fim*. 2 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

DENIPOTI, Cláudio; PEREIRA, Magnus Roberto. Sobre livros e dedicatórias: D. João e a Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801). In: *História Unisinos*. v. 17, N. 3 - setembro/dezembro de 2013.

FONSECA, Márcio Alves. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. *Letras, ofícios e bons costumes: Civilidade, ordem e sociabilidade na América Portuguesa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: *Microfísica do poder*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal. 1997. p. 193 -207

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: Vontade de Saber*. Trad. Maria T. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

GOMBERG, Felipe. *A aura do livro na era de sua reprodutibilidade técnica*. [Dissertação de Mestrado em Comunicação Social]. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUCRJ, 2006.

MENDES, Paula Almeida – ITINERÁRIOS PEDAGÓGICOS E CIVILIDADE CRISTÃ NA LITERATURA DIDÁTICA FEMININA EM PORTUGAL (SÉCULOS XVIII-XIX). In: *Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*. V. 18. U. Porto: Porto, 2011, p. 83-112.

OLIVEIRA, Carla Mary S. *Música e primeiras letras no Recife colonial: Luís Álvares Pinto, mulato, músico e professor régio*. Clío - Revista de Pesquisa Histórica, Recife, PPGH-UFPE, v. 29, n. 1, jun. 2011, p. 27-43. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/view/162>

Acessado em 2 de março de 2015.

RIPE, Fernando. *Modos de dizer e ver Educação (e) Matemática: a incitação à reflexão como dispositivo em um curso de formação continuada*. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

SANTOS, Zulmira C. Lei «política», lei «cristã»: as formas da conciliação em Academia nos montes, e conversações de homens nobres (1642) de Manuel Monteiro de Campos. In: *Península Revista de Estudos Ibéricos*, n.1, 2004. p 307-318

SILVA, Katiene Nogueira da. *Do controle das paixões à maestria de si: um estudo acerca das práticas e das representações de moralização na escola pública paulista (1948-1978)*. Tese de doutorado, FEUSP, 2011.

SILVESTRE, João Paulo; VERDELHO, Telmo. *Dicionarística Portuguesa*. Coimbra: Gráfica de Coimbra Ltda., 2007.

STEPHANOU, M.. Bem viver em regras: urbanidade e civilidade em manuais de saúde. In: *Revista Educação Unisinos*, v. 4, p. 35-44, 2006.

STEPHANOU, M.; SOUZA, Mariana Venafre P. . Abecedários em circulação: entre dicionários, livros e cartilhas escolares. In: *Anais 19 Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de História da Educação - ASPHE. História da Educação e Culturas do Pampa*, 2013, Pelotas, RS. Anais do 19 Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de História da Educação - ASPHE. História da Educação e Culturas do Pampa: Diálogos entre Brasil e Uruguai, 2013. Pelotas: UFPel, 2013. v. 1. p. 1-10

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A Casa e os seus mestres: A educação doméstica como uma prática das elites no Brasil de Oitocentos*. Rio de Janeiro, 2004. 336p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. *Tinta sobre papel: livros e leituras em Pernambuco no século XVIII, 1759-1807*. Recife: Ed. Universitária da UFPE/Secretaria de Educação e Cultura, Pernambuco, 2006.

